

Cadernos de estágio

O ensino da ginástica nas aulas de Educação Física: um relato de experiência a partir do Estágio Supervisionado

Adriano Lopes de Souza ¹

Maria Vitória Amorim Sousa

Milena Pedro de Moraes

Informações

1 adriano.souza@ufnt.edu.br

Como citar este texto

SOUZA, Adriano Lopes de; SOUSA, Maria Vitória Amorim; MORAIS, Milena Pedro de. O ensino da ginástica nas aulas de Educação Física: Um relato de experiência a partir do Estágio Supervisionado. Cadernos de Estágio, v. 8, n. 2, 2026. DOI: [10.21680/2763-6488.2026v8n2ID43518](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2026v8n2ID43518).



Cde

Agosto - Dezembro

Submetido em: 05 de Abril de 2026

Publicado em: 28 de Setembro de 2026

Volume 8, N2

ISSN: 2763-6488

O presente relato de experiência resulta das vivências no Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), desenvolvido em uma escola pública do município de Tocantinópolis-TO. A instituição atende estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), contando com aproximadamente 555 estudantes distribuídos em 21 turmas. Além das salas de aula, dispõe de espaços que favorecem o desenvolvimento de práticas corporais, como uma quadra poliesportiva coberta e uma área aberta destinada a brincadeiras tradicionais, equipada com escorregador e marcações de amarelinha.

2

O estágio foi realizado na turma do 3º ano do Ensino Fundamental, composta por 24 estudantes com idades entre 8 e 9 anos. A intervenção ocorreu entre os dias 17 de setembro e 20 de outubro de 2024, contemplando as etapas de observação, coparticipação e regência. Inicialmente, a equipe gestora realizou o acolhimento das estagiárias e apresentou a estrutura e o funcionamento da escola, sendo posteriormente estabelecido o acompanhamento pela professora regente da turma durante todo o processo formativo. A escolha da instituição ocorreu em razão da parceria consolidada entre a escola e a universidade para o desenvolvimento dos Estágios Supervisionados.

No âmbito da Educação Básica, a Edu-

cação Física configura-se como componente curricular obrigatório, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996, atualizada pela Lei nº 10.793/2003). A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta a organização dos conteúdos da área a partir de seis unidades temáticas para o Ensino Fundamental, dentre elas a Ginástica (Brasil, 2017).

Entretanto, embora a ginástica esteja prevista como unidade temática da Educação Física escolar, estudos apontam que sua presença nas aulas ainda é limitada quando comparada a outros conteúdos da cultura corporal, sendo frequentemente marcada por dificuldades relacionadas ao planejamento pedagógico, à formação docente e às condições de ensino (Schiavon; Nista-Piccolo, 2007). Nesse contexto, experiências desenvolvidas no âmbito do Estágio Supervisionado podem contribuir para ampliar as possibilidades de abordagem desse conteúdo na escola e fomentar reflexões sobre a formação inicial de professores.

Diante desse cenário, a intervenção pedagógica concentrou-se na abordagem da ginástica geral (também denominada ginástica para todos), compreendida como uma prática que valoriza a exploração das possibilidades corporais, a expressividade e a participação coletiva (Ayoub, 2003).

Nessa perspectiva, a ginástica geral não se restringe ao ensino de técnicas

ou ao desenvolvimento de capacidades físicas, mas compreende a ginástica como manifestação da cultura corporal, favorecendo processos de criação, cooperação, expressão e construção de significados pelos estudantes. Conforme Ayoub (2003), essa concepção contrapõe-se às abordagens tradicionalmente centradas na reprodução técnica dos movimentos, na padronização gestual e na valorização do desempenho, defendendo práticas mais inclusivas, criativas e acessíveis aos diferentes sujeitos que compõem o contexto escolar.

À luz desses pressupostos, a intervenção foi planejada para inserir a ginástica de forma significativa no cotidiano escolar, buscando superar o distanciamento inicial dos estudantes em relação ao conteúdo por meio de experiências corporais lúdicas, cooperativas e contextualizadas. Para isso, foram elaboradas estratégias pedagógicas que articulassem ludicidade, acessibilidade e intencionalidade didática, ampliando as possibilidades de participação e de atribuição de sentidos à ginástica no contexto escolar.

Assim, este relato tem como objetivo analisar criticamente a experiência pedagógica desenvolvida durante o Estágio Supervisionado em Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental, refletindo sobre os desafios, as possibilidades e as aprendizagens decorrentes do ensino da ginástica, em diálogo com referenciais da formação docente.

De acordo com Silva, Farias e Souza (2023), o estágio assume papel de destaque na formação acadêmica, uma vez que os saberes teóricos adquiridos na universidade são, ao mesmo tempo, confrontados e integrados à prática pedagógica. Essa vivência permite aos licenciandos experimentar uma diversidade de situações educativas que contribuem significativamente para sua futura atuação profissional.

Nesse sentido, compreende-se que o Estágio Supervisionado ultrapassa a condição de mera exigência curricular ou cumprimento de carga horária. Trata-se de uma oportunidade ímpar de crescimento pessoal e profissional, pautada pelo compromisso social com o contexto educacional em que se insere (Zabalza, 2015).

Para Pimenta e Lima (2012), o estágio é um eixo estruturante da formação docente, pois promove uma articulação crítica e reflexiva entre teoria e prática. Mais do que aplicar conteúdos previamente estudados, ele possibilita ao futuro professor compreender a complexidade do cotidiano escolar, construir sua identidade profissional, exercitar a autonomia e desenvolver saberes a partir de experiências reais. As autoras defendem que o estágio deve ser compreendido como um espaço de investigação e intervenção, contribuindo para a formação de educadores críticos, criativos e comprometidos com a transformação da prática pedagógica.

A intervenção pedagógica foi desenvolvida em cinco semanas, no turno matutino, envolvendo momentos de observação e regência. O processo foi organizado em cinco etapas principais: (1) contextualização da problemática; (2) fase de planejamento; (3) aulas teóricas; (4) atividades práticas; e (5) momento de culminância. Ressalta-se que a divisão apresentada consiste apenas em uma forma de organizar a descrição da intervenção, e não uma concepção de ensino baseada na separação entre teoria e prática.

Os registros produzidos durante a intervenção tiveram finalidade exclusivamente analítica e foram utilizados em conformidade com os procedimentos éticos adotados pela instituição. Eles foram constituídos por diário de campo, fotográficos e gravações em vídeo, possibilitando a interpretação dos desafios encontrados, das estratégias pedagógicas adotadas e das aprendizagens construídas ao longo do estágio.

Fase 1 – Contextualização da problemática

No primeiro momento, foi realizada a apresentação das estagiárias à turma, ocasião em que a professora regente expôs o conteúdo a ser trabalhado no quarto bimestre, especificamente o tema da ginástica. Nesse mesmo encontro, foram apresentadas as características gerais da turma, com destaque para a presença de uma estudante acompa-

nhada por professora auxiliar durante as atividades escolares, aspecto considerado na intervenção.

A partir desse primeiro contato com a turma, foram realizadas observações sistemáticas no ambiente escolar, nas quais se identificou que os estudantes eram comunicativos e participativos. Em diálogo com a professora regente, identificou-se que o conteúdo ginástica ocupava espaço reduzido no planejamento pedagógico, sendo apontados desafios para sua abordagem nas aulas. Essa constatação reforçou a necessidade de planejar uma intervenção que contribuísse para ampliar as possibilidades de ensino desse conteúdo no contexto investigado.

As observações realizadas durante essa etapa evidenciaram que os desafios relacionados ao ensino da ginástica não constituíam uma realidade isolada da escola investigada, mas refletiam um cenário já apontado pela literatura da área. Conforme destacam Ayoub (2003) e Barbosa-Rinaldi e Souza (2003), fatores como a limitada familiaridade com o conteúdo, as condições de ensino e a predominância de outras práticas corporais no currículo escolar contribuem para a menor presença da ginástica nas aulas de Educação Física. Logo, o Estágio Supervisionado revelou-se um espaço privilegiado para refletir sobre essas dificuldades e construir possibilidades pedagógicas que aproximassem a ginástica da realidade estudantil.

A identificação dessas condições iniciais permitiu compreender que o desafio da intervenção não consistia apenas em ensinar novos movimentos, mas em construir experiências capazes de ampliar o repertório cultural dos estudantes e demonstrar possibilidades pedagógicas para o ensino da ginástica nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Fase 2 – Planejamento da intervenção

A fase de planejamento teve como principal objetivo enfrentar o distanciamento dos estudantes em relação ao conteúdo, frequentemente associado à limitada vivência da ginástica no contexto escolar. Para isso, foram elaboradas estratégias didáticas voltadas à estimulação da criatividade, da expressividade corporal, a cooperação e a participação ativa dos estudantes, sem desconsiderar o desenvolvimento de capacidades físicas e habilidades motoras, tais como flexibilidade, equilíbrio e coordenação, por meio de atividades lúdicas e acessíveis.

Compreende-se que o planejamento pedagógico constitui uma etapa essencial no processo de ensino, pois permite ao professor organizar intencionalmente as suas ações, antecipar desafios e traçar metas condizentes com a realidade da turma, favorecendo intervenções mais reflexivas, contextualizadas e significativas (Libâneo, 2013). Nessa perspectiva, compreender o planejamento como uma ação intencional implica reconhecer a complexidade do proces-

so educativo em uma determinada realidade contextual e articular, de forma integrada, objetivos, conteúdos e metodologias (Zabala, 1998).

Assim, conforme ilustrado no Quadro 1, nos debruçamos na elaboração de um cronograma de intervenção pedagógica composto por um conjunto de temas e atividades desenvolvidos ao longo de cinco semanas, em consonância com as especificidades da turma e com os objetivos educacionais que haviam sido previamente estabelecidos.

Quadro 1 - Cronograma da intervenção pedagógica.

Semana	Nº de Aulas	Temas/Atividades
1	1	Introdução a Ginástica geral: Roda de conversa sobre o que é ginástica
2	1	Apresentação de vídeos sobre ginástica e atividade introdutória.
3	1	Movimentos ginásticos com foco no equilíbrio (Vela, ponte e avião).
4	1	Movimentos ginásticos com foco no equilíbrio (Amarelinha)

Semana	Nº de Aulas	Temas/Atividades
5	1	Minicircuito de ginástica, demonstrando habilidades adquiridas ao longo do conteúdo

Fonte: Elaboração própria.

6

A organização da intervenção em etapas progressivas buscou respeitar os conhecimentos prévios dos estudantes e favorecer a construção gradual de novos aprendizados. Nesse sentido, optou-se por iniciar com momentos de diálogo e aproximação conceitual, avançando posteriormente para experiências corporais cada vez mais complexas. Essa organização buscou articular reflexão e vivência prática, compreendendo que a construção do conhecimento em Educação Física ocorre de forma integrada, priorizando um processo de aprendizagem pautado na participação, na experimentação e na atribuição de significados às práticas corporais, em consonância com os pressupostos da ginástica geral (Ayoub, 2003).

Conforme a professora regente, a distribuição da carga horária prevista para a Educação Física seria de uma aula semanal, o que representou mais um desafio para o desenvolvimento contínuo dos conteúdos da Educação Física, reduzindo as oportunidades do desenvolvimento da nossa proposta interventiva.

Fase 3 – Aulas teóricas

A atividade inicial da regência foi organizada em forma de roda de conversa, com o objetivo de identificar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre a ginástica. Para isso, foram realizadas perguntas acerca de suas experiências com a modalidade, investigando se já haviam tido contato com apresentações, conteúdos midiáticos ou mesmo com movimentos presentes no cotidiano, como correr, saltar ou equilibrar-se.

A mobilização desses conhecimentos mostrou-se relevante para a condução das aulas, uma vez que, conforme aponta Valadares (2011), a aprendizagem torna-se mais significativa quando o novo conteúdo estabelece relações com saberes já existentes. Nesse sentido, a aproximação entre a ginástica e experiências cotidianas contribuiu para reduzir o estranhamento inicial dos alunos em relação ao conteúdo.

Na aula seguinte, a utilização de vídeos educativos favoreceu maior engajamento da turma. Observou-se que, ao entrar em contato com representações visuais dos movimentos, os estudantes passaram a reconhecê-los com maior facilidade, ainda que não dominassem sua nomenclatura formal. Esse processo indica que a mediação pedagógica, associada a recursos visuais e experiências prévias dos estudantes, pode ampliar a compreensão do conteúdo e fortalecer sua apropriação pelos alunos. Assim, há uma redução do distanciamento inicial

em relação à ginástica, frequentemente percebida como uma prática restrita a contextos formais ou midiáticos.

Após a exibição dos vídeos, foi proposta uma atividade em que os estudantes deveriam descrever os movimentos que já conheciam, com o objetivo de identificar seu nível de familiaridade com a ginástica, conforme ilustrado na imagem a seguir.

Imagem 1 - Atividade introdutória

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE (CEHS) DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Rua 06, Vila Santa Rita, Bloco da Biblioteca, 3º Andar, Sala 26 | 77900-000 |
Tocantinópolis/TO

Movimentos da Ginástica

Quais movimentos da Ginástica você conhece?

Arremesso
Salto mortal
Ponte
Salto mortal invertido

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Nessa atividade, inicialmente, foi possível perceber que os estudantes demonstraram certa dificuldade ao afirmarem não conhecer movimentos de ginástica, pois essa prática parecia distante da realidade cotidiana de cada um.

Ao longo da história da Educação Física brasileira, a ginástica ocupou diferentes lugares no currículo escolar.

Embora tenha exercido papel central em determinados períodos, progressivamente passou a dividir espaço ou até mesmo a ser substituída por conteúdos esportivos, o que contribuiu para sua menor presença nas práticas pedagógicas contemporâneas (Bracht, 2005; Soares, 2013). Embora esse movimento histórico não tenha ocorrido de forma homogênea em todas as escolas, ele ajuda a compreender por que muitos estudantes chegam neste espaço com reduzido repertório de experiências relacionadas à ginástica, tornando necessário planejar intervenções que ampliem o contato com essa manifestação da cultura corporal.

De todo modo, à medida que as estagiárias foram exemplificando e detalhando os movimentos, os alunos começaram a interagir e identificar aqueles que já faziam parte de seu repertório. Apesar da dificuldade inicial, os estudantes obtiveram um bom aproveitamento e desempenho ao longo da atividade, pois ao relacionarem os movimentos da ginástica com as brincadeiras do dia a dia, passaram a reconhecer que diversos movimentos gímnicos fazem parte de brincadeiras e situações do cotidiano.

Esse movimento de ressignificação revelou que a dificuldade inicial dos estudantes estava menos relacionada à ausência de experiências corporais e mais ao desconhecimento da ginástica como manifestação da cultura corporal.

Ao estabelecer relações entre os movimentos gímnicos e situações presentes no cotidiano, foi possível ampliar a compreensão dos alunos acerca desse conteúdo, favorecendo uma aprendizagem mais significativa e coerente com a perspectiva da Ginástica defendida por Ayoub (2003), que valoriza a experimentação e a participação coletiva.

Fase 4 – Atividades práticas

A partir da terceira aula, iniciaram-se as vivências práticas dos movimentos gímnicos, as quais foram desenvolvidas nos espaços disponíveis da escola, principalmente na área externa destinada às atividades recreativas. Inicialmente, os estudantes experimentaram diferentes movimentos da ginástica, como vela, ponte e avião, possibilitando que eles os executassem com autonomia, mas sem abrir mão da segurança.

Nesse contexto, a mediação docente revelou-se decisiva para reduzir inseguranças iniciais e favorecer a participação dos alunos nas práticas propostas. Essa postura aproxima-se da perspectiva da ginástica, que compreende a experimentação corporal como um processo de construção coletiva de conhecimentos, valorizando a participação dos estudantes independentemente do nível de habilidade (Ayoub, 2003).

Durante a aula, observou-se que as dificuldades variavam conforme o movimento; no entanto, o equilíbrio – tanto estático quanto dinâmico – destacou-se

como um desafio recorrente entre os estudantes. A identificação dessa necessidade orientou a reorganização da intervenção pedagógica, evidenciando que o planejamento não foi tratado como um roteiro inflexível, mas como um instrumento passível de ajustes diante das necessidades observadas durante o processo de ensino.

Adotando uma perspectiva inclusiva, a atividade foi adaptada por meio da utilização de marcações confeccionadas em folhas de papel fixadas ao piso com fita adesiva, de modo a indicar a posição e a alternância dos pés durante os saltos (Imagem 2). Antes da realização da atividade, verificou-se a estabilidade das marcações e orientou-se a turma quanto à execução segura dos movimentos, sendo a prática desenvolvida sob acompanhamento constante das estagiárias. Essa estratégia auxiliou na execução dos saltos e favoreceu o desenvolvimento da lateralidade e da orientação espacial.

Imagem 2 - Atividade adaptada do pulo



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Com efeito, embora a atividade tenha sido desenvolvida sem intercorrências e sob supervisão constante, reconhece-se que, em futuras intervenções, a utilização de materiais específicos, como marcações em EVA, fitas demarcatórias ou sinalizadores antiderrapantes, poderá ampliar ainda mais a segurança da prática.

Na aula seguinte, utilizou-se uma adaptação da brincadeira da amarelinha (Imagem 3) como estratégia didática para o desenvolvimento do equilíbrio. O principal desafio consistiu na realização de saltos com apenas uma perna, exigindo dos estudantes maior controle postural, concentração e estabilidade corporal.

A inserção dessa prática, oriunda do repertório lúdico dos alunos, possibilitou aproximar o conteúdo da ginástica de experiências já significativas, favorecendo sua compreensão e participação. Além disso, ao incorporar elementos da cultura corporal infantil, a atividade contribuiu para o desenvolvimento de habilidades motoras de forma lúdica, criativa e contextualizada, evidenciando que a articulação entre ludicidade e intencionalidade pedagógica pode potencializar o processo de ensino-aprendizagem.

A atividade evidenciou a importância do acompanhamento pedagógico no desenvolvimento de ações consideradas básicas, como correr, saltar ou equilibrar-se. Nesse contexto, a amarelinha mostrou-se um recurso didático potente, ao articular ludicidade e intencionalida-

de pedagógica, favorecendo o desenvolvimento motor, a cooperação entre os estudantes, a autoconfiança durante a execução dos movimentos e a atribuição de novos significados à ginástica.

Imagem 3 - Atividade adaptada da amarelinha



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Destaca-se, ainda, a participação de uma estudante acompanhada por professora auxiliar, que se envolveu ativamente em todas as atividades propostas, demonstrando interesse, esforço e entusiasmo durante as aulas. À medida que a intervenção avançava, sua participação tornou-se cada vez mais expressiva, sendo frequentemente procurada pelos colegas para demonstrar movimentos e auxiliá-los durante as atividades. Esse reconhecimento espontâneo evidencia que a organização das práticas pedagógicas favoreceu não apenas sua participação, mas também seu protagonismo no processo de aprendizagem coletiva.

Essa experiência permitiu compreender que práticas pedagógicas inclu-

sivas ultrapassam a garantia de acesso às atividades, criando condições para que todos os estudantes possam participar, colaborar e contribuir com a aprendizagem do grupo. Nesse sentido, a estudante deixou de ocupar uma posição predominantemente associada ao recebimento de apoio para assumir um papel ativo nas interações estabelecidas durante as aulas. Tal compreensão dialoga com Dias e Macedo (2024), ao ressaltarem que a inclusão não se limita à presença dos estudantes na escola, mas envolve a construção de experiências educativas que reconheçam e valorizem a diversidade de corpos, trajetórias e formas de aprender.

10

Para as estagiárias, essa experiência contribuiu para ressignificar concepções acerca da inclusão, evidenciando que práticas pedagógicas inclusivas não consistem apenas em promover a participação dos estudantes, mas em criar condições para que todos possam contribuir ativamente com o processo de aprendizagem coletiva.

De modo geral, as atividades práticas evidenciaram que a aprendizagem da ginástica não depende exclusivamente da repetição técnica dos movimentos, mas da criação de situações pedagógicas que favoreçam a experimentação, a participação, a adaptação às necessidades dos estudantes e a construção coletiva de conhecimentos. As experiências desenvolvidas ao longo dessa etapa reforçaram que o ensino da ginástica

pode constituir um espaço de inclusão, cooperação e formação, em consonância com os pressupostos da ginástica geral (Ayoub, 2003).

Fase 5 – Momento de culminância.

Na última semana do estágio, foi realizado um minicircuito de ginástica composto por três estações, concebido como um momento de síntese das experiências vivenciadas ao longo da intervenção. Mais do que verificar a execução de movimentos específicos, a proposta buscou possibilitar que os estudantes mobilizassem, de forma integrada, os conhecimentos construídos nas aulas anteriores sobre a ginástica em um contexto lúdico, cooperativo e participativo.

A primeira estação teve como foco o equilíbrio, na qual os estudantes caminhavam sobre uma corda disposta no chão e, em pontos específicos, executavam o movimento do “avião”, exigindo controle postural e estabilidade. A segunda estação trabalhou a lateralidade, por meio do deslocamento lateral entre apoios, com uma bolinha sustentada acima da cabeça, demandando coordenação, atenção e orientação espacial. Já a terceira estação enfatizou a coordenação motora e a percepção espacial, consistindo em uma sequência de saltos em bambolês com espaçamentos variados, alternando apoios com um e dois pés, desafiando tanto o ritmo quanto o controle do corpo no espaço.

Esse momento final representou a

consolidação das aprendizagens desenvolvidas ao longo das aulas, proporcionando uma vivência prazerosa e significativa, na qual os estudantes puderam mobilizar, de forma integrada, os conhecimentos construídos. Durante o circuito, observou-se que os estudantes passaram a reconhecer movimentos anteriormente discutidos nas aulas introdutórias, utilizando com maior familiaridade termos como equilíbrio, salto e apoio, favorecendo uma aprendizagem mais dinâmica e integrada (Darido; Rangel, 2005). Além disso, o caráter lúdico da proposta contribuiu para ampliar o engajamento dos estudantes, tornando o processo mais leve e divertido.

11

É importante destacar que, no início das aulas, muitos alunos apresentavam dificuldades para executar os movimentos ginásticos. No entanto, em que pese o tempo curto de experiência do licenciando no campo de estágio, durante o processo pedagógico foi possível observar um avanço coletivo, visto que os estudantes passaram a executar os movimentos com maior segurança, envolvimento e autonomia. Alguns estudantes relataram, inclusive, que passaram a praticar determinados movimentos em casa com o objetivo de “fazer bonito” no momento da culminância. Este comportamento sugere que as experiências vivenciadas despertaram o desejo de continuar explorando a ginástica para além do espaço escolar, indicando maior envolvimento com o conteúdo e

atribuição de significado às práticas desenvolvidas.

Mais do que um momento de demonstração das aprendizagens construídas, o minicircuito constituiu um espaço de retomada das experiências vivenciadas ao longo da intervenção. Ao realizar os desafios propostos, os estudantes mobilizaram não apenas habilidades relacionadas aos movimentos gímnicos, mas também conhecimentos construídos nas rodas de conversa e nas atividades anteriores, além de atitudes de cooperação, respeito às diferenças, incentivo mútuo e valorização das conquistas individuais e coletivas.

Nessa perspectiva, o circuito não foi concebido como uma atividade de avaliação do desempenho técnico, mas como uma oportunidade de experimentação, cooperação e valorização das diferentes possibilidades corporais dos estudantes, em consonância com os princípios da ginástica geral (Ayoub, 2003).

Conclusão

O Estágio Supervisionado desenvolvido em uma turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental permitiu compreender, no contexto da experiência vivenciada, alguns dos desafios envolvidos na inserção da ginástica nas aulas de Educação Física. As situações observadas dialogam com a literatura da área ao indicar que aspectos relacionados ao planejamento pedagógico, à forma-

ção docente e às condições de ensino podem influenciar a abordagem desse conteúdo na escola. Ao mesmo tempo, a intervenção desenvolvida evidenciou que estratégias fundamentadas na ludicidade, na adaptação das atividades e na valorização das experiências dos estudantes podem ampliar as possibilidades de participação e atribuição de sentidos à ginástica nesse contexto específico.

Ao longo da intervenção, observou-se que a aproximação entre os movimentos ginásticos e as práticas corporais do cotidiano favoreceu a ressignificação desse conteúdo pelos alunos, que inicialmente o percebiam como distante de sua realidade. Esse deslocamento contribuiu para o desenvolvimento de aspectos motores, cognitivos e atitudinais, além da ampliação do repertório de experiências relacionadas à ginástica como manifestação da cultura corporal.

Do ponto de vista da formação docente, a experiência possibilitou compreender que o planejamento pedagógico constitui um processo dinâmico, continuamente reelaborado a partir das necessidades observadas no contexto da prática. As adaptações realizadas ao longo da intervenção, bem como a mediação das atividades e a reflexão sobre as respostas dos estudantes, evidenciaram a importância de articular conhecimentos teóricos e metodológicos às demandas concretas da escola. Nesse sentido, o estágio configurou-se como um espaço privilegiado de aprendiza-

gem profissional, ao favorecer a construção de saberes docentes por meio da observação, da tomada de decisões pedagógicas e da reflexão crítica sobre a própria prática.

A experiência também reforçou a importância da aproximação entre universidade e escola como elemento constitutivo da formação docente. O diálogo com a professora regente e a vivência no cotidiano escolar possibilitaram às estagiárias compreender que a construção de práticas pedagógicas significativas demanda escuta, observação, planejamento e constante reflexão sobre as especificidades do contexto educativo, fortalecendo a articulação entre os conhecimentos construídos na formação acadêmica e as demandas concretas da prática docente.

Por fim, compreende-se que a experiência analisada reforça a necessidade de ampliar, tanto na formação inicial quanto na continuada, os espaços de estudo e de experimentação relacionados ao ensino da ginástica na escola. Conclui-se que ensinar ginástica implica muito mais do que conduzir exercícios ou desenvolver habilidades motoras: exige planejar, observar, adaptar, refletir e reconhecer os estudantes como sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o estágio reafirma seu papel como espaço privilegiado de articulação entre teoria e prática, contribuindo para a formação de professores críticos, reflexivos e com-

prometidos com uma Educação Física escolar democrática e inclusiva.

Referências

AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. Editora Unicamp, 2003.

BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado. A ginástica no percurso escolar dos ingressantes dos cursos de licenciatura em educação física da universidade estadual de Maringá e da universidade estadual de campinas. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 24, n. 3, p. 159-173, 2003.

13 BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DIAS, Leonardo Silva; MACEDO, Anny Karoliny de. Abordagens pedagógicas na Educação Física Escolar: entre o bom-senso e a filiação teórica. **Cadernos de Estágio**, v. 6, n. 3, 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

SCHIAVON, Laurita; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. A ginástica vai à escola. **Movimento**, v. 13, n. 3, p. 131-150, 2007.

SILVA, Letícia Andrade Viviane; FARIAS, Mayrhon José Abrantes; SOUZA, Adriano Lopes. O Estágio Supervisionado em Educação Física: desafios e aprendizados no ensino remoto. **Revista Didática Sistêmica**, v. 25, n. 1, p. 136-150, 2023.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 4ª ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

VALADARES, João Luiz. A teoria da aprendizagem significativa como teoria construtivista. **Aprendizagem Significativa em Revista**, v. 1, n. 1, p. 36-57, 2011.

ZABALA, Antoni. **A prática educati-**

va: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZABALZA, Miguel Angel. **O Estágio e as Práticas em Contextos Profissionais na Formação Universitária**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.